

A JORNADA DA HEROÍNA NA SAGA *TRONO DE VIDRO*

THE HEROINE'S JOURNEY IN *THRONE OF GLASS* SAGA

Vitória Elis Martins Fonseca,
José Benedito Almeida Junior

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar a questão do feminino e do masculino no fenômeno da jornada da heroína. Para tanto, esse estudo se concentrará no terceiro livro da saga *Trono de Vidro*, de Sarah Janet Maas, a partir da perspectiva de Maureen Murdock sobre a jornada da heroína e de sua leitura crítica da jornada do herói de Joseph Campbell. Para Murdock a jornada do herói, de Campbell, não é tão universal como se propõe, pois exclui o universo feminino das aventuras heroicas. Observo que há uma grande linearidade entre os estágios de catábase da heroína com o terceiro livro da saga, intitulado: *Herdeira do Fogo*. Além de demonstrar que a dualidade entre feminino e masculino está em consonância com a dualidade princesa e assassina, e que a primeira dualidade se manifesta com a incorporação de um papel social.

Palavras-chave: Jornada do Herói. Jornada da Heroína. Feminino. Trono de Vidro

Abstract

The aim of this article is to analyse the question of feminine and masculine in the phenomenon of the heroine's journey. To this end, this study will focus on the third book of Sarah Janet Maas's *Throne of Glass* saga from Maureen Murdock's perspective on the heroine's journey and her critical reading of Joseph Campbell's hero's journey. For Murdock, Campbell's hero's journey is not as universal as it purports to be, because it excludes the female universe of heroic adventures. I note that there is great linearity between the stages of the heroine's catabasis with the third book of the saga, entitled: *Heir of Fire*. In addition to demonstrating that the duality between female and male is in line with the princess and assassin duality, and that the former duality manifests itself with the embodiment of a social role.

Keywords: Hero's Journey. Heroine's Journey. Female. Throne of Glass



Introdução:

Este artigo se valerá de três fontes: a obra *A jornada da heroína: a busca da mulher para se reconectar com o feminino* (2022), de Maureen Murdock, a segunda é o livro *O Herói de Mil Faces* (1997) de Joseph Campbell, as fontes teóricas que fornecerão elementos para analisar a obra de ficção, a terceira fonte, a saga *Trono de Vidro* (2018), composta de oito livros, todos de Sarah J. Maas. E partirá dos seguintes objetivos: demonstrar a linearidade entre *Herdeira do Fogo* (terceiro livro da saga) e os estágios de catábase da heroína – *o despertar para sentimentos de aridez espiritual e morte e Iniciação e descida à Deusa* – presentes no mitologema de Maureen Murdock. Além disso, pretende demonstrar que a dualidade do feminino e masculino¹ – as quais são consideradas por Murdock como forças arquetípicas presentes em todos os seres humanos – podem ser encontradas em *Trono de Vidro* enquanto dualidade entre a princesa e a assassina (dois papéis sociais), de modo que essas forças arquetípicas se manifestem como a incorporação de um papel social, que é o que pretendo constatar com esse artigo.

A Jornada da Heroína nasce como uma alternativa à jornada do herói. Foi criada por Maureen Murdock, uma psicoterapeuta junguiana, que percebeu um descontamento nas mulheres que tentaram inserir a jornada do herói em suas vidas. Assim, essa alternativa se faz necessária, de acordo com Murdock, porque não havia um padrão arquetípico que conseguisse abranger todas as camadas do desenvolvimento e da experiência de uma mulher em uma sociedade predominantemente masculina. Com isso, a jornada da heroína traz um novo referencial para o percurso das mulheres: a busca pela cura da separação entre a mulher e sua natureza feminina, a qual possibilita que elas se tornem um ser humano totalmente integrado e equilibrado, de modo que esse referencial seja “um modelo que entenda quem e o que é a mulher” (MURDOCK, 2022. p. 22).

Utilizarei a obra *O Herói de Mil Faces* de Joseph Campbell, a fim de fazer uma análise do monomito com a história de Maas. Entretanto, essa análise se baseará apenas na estrutura da história, visto que o modelo da jornada do herói de Campbell, conforme Murdock, não é suficiente para abarcar toda a experiência das mulheres.

¹ Os termos “feminino” e “masculino” aqui utilizados são os mesmos termos utilizados por Murdock em *Jornada da Heroína*, onde a autora os considera como forças arquetípicas criativas presentes em todos os seres humanos. Desse modo, reiteramos que para Murdock esses termos não fazem alusão aos papéis de gênero.



A saga *Trono de Vidro*, por sua vez, está incluída no gênero da literatura fantástica e traz um universo recheado de magia e personagens femininas fortes, especialmente a protagonista. Em resumo, a saga conta a história de uma garota chamada Celaena Sardothien, a melhor assassina de aluguel do reino de Adarlan. Sua jornada se inicia com a luta pela sua liberdade, isso porque foi presa e sentenciada a realizar trabalho escravo, cada dia mais perto da morte. Até que lhe é feita uma proposta inusitada. A escolha da obra *Trono de Vidro* se deu porque a história de Celaena se encaixa nos dois modelos da jornada heroica (a de Campbell e a de Murdock), mas também por dois outros motivos: por trazer uma expressão poética, e por sua importância em minha jornada.

Em relação ao primeiro, nota-se que a expressão poética se inicia com o título da obra, pois ao pensar em trono a primeira ideia que surge a mente é a de poder, pois o vidro representa, ao mesmo tempo, sensibilidade e transparência. Com isso, ao unir o trono ao vidro demonstra-se a grande imponência de um trono de vidro, mas também é possível pensar em um poder frágil. Sendo assim, a imponência é grandiosa, mas a fragilidade é maior porque é muito fácil de se destruir.

Quanto ao segundo aspecto, trago perspectivas pessoais que tive a partir da leitura desses livros. Sempre fui leitora voraz de literaturas fantásticas, mas muitas vezes deparei-me com personagens mulheres que mal faziam parte da história ou que possuíam papéis sem qualquer expressão dramática e, em alguns casos, papéis sexistas. Em geral elas ocupavam dois papéis: a mocinha a ser salva ou a recompensa do herói, de modo que desempenham um papel de mulheres controladas e subordinadas; o papel da bruxa má ou da garota invejosa que tenta roubar o herói da mocinha, logo, o papel de mulheres manipuladoras, onde todas as suas ações são voltadas para um ganho próprio.

Felizmente, as personagens mulheres de Maas fogem dessa regra e desses clichês. Todas as personagens possuem papéis de participação ativa, de maneira que, em suas histórias, elas salvam a si mesmas e ao mundo, e geralmente não se enquadram em nenhuma das opções acima mencionadas. Suas personagens demonstram que sabem o que querem e buscam realizar os seus objetivos com uma força de vontade imparável, visando alcançar algo muito maior do que a si mesmas, ou seja, estão sempre visando o que está além delas, visando aqueles que amam e o bem maior. Ademais, elas alcançam tais coisas sem utilizarem da manipulação ou de sua beleza física como ferramentas para alcançá-los. Além disso, todas as personagens mulheres da saga passaram por alguma provação e apesar dos momentos em que se sentiram incapazes de continuar as suas jornadas elas não desistiram, mas se reergueram e foram até o fim. Isso, em específico,



causou grande impacto sobre mim porque me fez reconhecer as trajetórias das mulheres que me cercam nessas personagens, e reconhecer um pouco de mim mesma, o que me fez tê-las como inspiração para continuar a minha jornada. Desse modo, é possível pensar que essas histórias também causem um impacto na vida de outras pessoas.

Apresentação da saga *Trono de Vidro*:

A saga *Trono de Vidro* começou a ser publicada em 2012 pela autora estadunidense Sarah Janet Maas, e é composta por 8 livros ao todo, sendo 2 deles contos complementares. Os títulos são: *Trono de Vidro*, *Coroa da meia-noite*, *Herdeira do Fogo*, *Rainha das Sombras*, *Império de Tempestades*, *Reino das Cinzas* e os contos são *A lâmina da Assassina* e *Torre do Alvorecer*. A saga tornou-se rapidamente um *best seller* do *The New York Times*, e conquistou milhares de leitores por todo o mundo, inclusive a comunicadora que aqui vos fala. A saga está incluída no gênero da literatura fantástica e, traz um universo recheado de magia e personagens mulheres fortes, especialmente a protagonista. Em entrevistas cedidas ao Grupo Editorial Record (a editora brasileira que circula os livros) Maas disse que a história foi pensada a partir da seguinte premissa: “e se a Cinderela fosse uma assassina? E se fosse ao baile não para dançar com o príncipe, mas para matá-lo?”² E assim nasceu Celaena Sardothien, uma assassina capaz de lhe fazer perder a cabeça (literalmente).

A história de Celaena Sardothien, uma jovem de 18 anos, considerada a melhor assassina de aluguel do reino de Adarlan. Possui incríveis e ágeis habilidades para matar, e isso é tudo que qualquer pessoa, além dos membros da guilda dos assassinos, sabe sobre ela, afinal, para manter tal posição é necessária toda cautela. Celaena mora em Forte da Fenda, a capital de Adarlan, país governado por um rei ganancioso, impiedoso e cruel, além de há muito ser abandonado pela magia e por seres míticos (que antes ali moravam), remetendo-nos ao arquétipo da idade do ouro, muito comum em histórias de aventuras. Sua jornada se inicia com a luta pela sua liberdade, isto porque foi presa e sentenciada a cumprir pena em Endovier, uma mina de sal localizada nos confins do reino, onde deverá realizar trabalho escravo, cada dia mais perto da morte. Sua perspectiva muda quando lhe é feita uma proposta inusitada. O príncipe herdeiro do reino de Adarlan, Dorian Havilliard, a convida para participar de uma competição contra outros assassinos do reino, a fim de obter o título de campeã do rei, e claro, sua liberdade.

² Essas informações estão inseridas em <https://www.record.com.br/produto/trono-de-vidro-vol-1/> ao fim da sinopse.



Considero a história de Celaena uma jornada heroica pelo fato de atender aos aspectos do monomito da jornada do herói elaborada por Joseph Campbell em *O Herói de Mil Faces*. Ao mesmo tempo, ela se enquadra nos elementos descritos no esquema da *Jornada da Heroína: a busca da mulher para se reconectar com o feminino* de Maureen Murdock, a qual demonstra que a jornada das mulheres é muito mais abrangente e profunda, de modo que a jornada do herói não é capaz de se adequar às experiências das mulheres. Isto ficará mais compreensível ao longo do texto, e ambas as jornadas serão demonstradas posteriormente.

Trono de Vidro e a jornada do herói de Campbell:

Como dito anteriormente, a história de Celaena é considerada uma jornada heroica pelo fato de atender aos aspectos do monomito da jornada do herói elaborada por Joseph Campbell em *O Herói de Mil Faces*. Campbell construiu o monomito da jornada do herói a partir de uma análise de vários mitos, a qual o levou a crer que a humanidade sempre contou seus mitos e, por conseguinte, fábulas e contos de fadas a partir de uma mesma estrutura.

Dessa forma, para o escritor o mito e sua estrutura estão presentes em todas as produções humanas, como demonstrado nessa passagem:

em todo o mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias, os mitos humanos têm florescido; da mesma forma, esses mitos têm sido a viva inspiração de todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humanos. Não seria demais considerar o mito a abertura secreta através da qual as inexauríveis energias do cosmos penetram nas manifestações culturais humanas. (CAMPBELL, 1997, p. 05)

Desse modo, considerando essa estrutura padrão presente nos mitos, Campbell dirá que ela “é uma magnificação da fórmula representada nos rituais de passagem: separação-iniciação-retorno que podem ser considerados a unidade nuclear do monomito” (CAMPBELL, 1997, p.17), e desse modo temos a chamada “Jornada do Herói Mitológico”.

Tomando isso como base, a seguir, irei descrever brevemente o monomito de Campbell. A estrutura é composta de 3 atos, os quais se dividem em 17 estágios, como demonstrado na imagem abaixo:





Figura 01³

O primeiro ato é considerado o da *separação* ou *partida*, com cinco subseções:

1) "O chamado da aventura", ou os indícios da vocação do herói; 2) "A recusa do chamado", ou a temeridade de se fugir do Deus; 3) "O auxílio sobrenatural", assistência insuspeitada que vem ao encontro daquele que leva a efeito sua aventura adequada; 4) "A passagem pelo primeiro limiar"; e 5) "O ventre da baleia", ou a passagem para o reino da noite. (CAMPBELL, 1949. p. 20)

O segundo ato é: das *provas e vitórias da iniciação*, e está dividido em seis subseções:

1) "O caminho de provas", ou o aspecto perigoso dos deuses; 2) "O encontro com a deusa" (Magna Mater), ou a bênção da infância recuperada; 3) "A mulher como tentação", a realização e agonia do destino de Édipo; 4) "A sintonia com o pai"; 5) "A apoteose"; e 6) "A bênção última". (CAMPBELL, 1949. p. 20)

O terceiro e último ato é: *o retorno e reintegração à sociedade*, o qual dá fim a estrutura e está dividido em seis subseções:

1) "A recusa do retorno", ou o mundo negado; 2) "A fuga mágica", ou a fuga de Prometeu; 3) "O resgate com ajuda externa"; 4) "A Passagem pelo limiar do retorno", ou o retorno ao mundo cotidiano; 5) "Senhor dos dois mundos"; e 6) "Liberdade para viver", a natureza e função da bênção última. (CAMPBELL, 1949. p. 21)

Ao analisar *Trono de Vidro* apenas do ponto de vista da estrutura da jornada do herói percebi que houve um encaixe quase perfeito, por isso, é perceptível que Maas se preocupou em seguir – obviamente, com algumas modificações – essa estrutura, e isso fica explícito sobretudo no primeiro livro. Além disso, Ricón demonstra em seu texto que “seria possível estruturar qualquer história a partir do roteiro básico da Jornada do Herói,

³ A figura foi feita seguindo a descrição de Joseph Campbell em *O Herói de Mil Faces*, pela autora deste artigo em colaboração com sua amiga Giovana Zanotto.

e vice-versa, ou seja, é possível “desmontar” as histórias, identificando nelas os passos que constituem a Jornada” (RICÓN, p. 01). Isso posto, não é necessário enfatizar novamente que *Trono de Vidro* se adequa aos aspectos do monomito.

Todavia, ao analisar a saga pelo ponto de vista da história e as evoluções da protagonista percebo que a jornada do herói é superficial e não consegue abranger todos os aspectos presentes no que se refere às mulheres. Em vista disso, para encontrar uma adequação completa – ou seja, da história, da estrutura e do crescimento da personagem – busquei a *Jornada da Heroína* de Murdock, a qual analisarei a seguir.

***Trono de Vidro* e a jornada da heroína:**

Sobre a *jornada da heroína* Maureen Murdock diz o seguinte: “Escrevi a jornada da heroína há quase 30 anos, para descrever uma alternativa ao estereótipo egóico da jornada do herói masculino”. (2022, p. 17), ou seja, uma alternativa à jornada de Campbell. A jornada da heroína surgiu quando a autora percebeu um descontentamento em si mesma e em várias mulheres. Ela descreve como percebeu esse descontentamento na seguinte passagem: “ao perceber os danos físicos e emocionais que as mulheres sofrem nessa missão heroica, concluí que o motivo para tanta dor é o fato de terem escolhido seguir um modelo que renega quem elas são” (MURDOCK, 2022. p. 21-22). Por conseguinte, Murdock estabelece que a jornada da heroína “é a missão [da mulher] de acolher por completo sua natureza feminina, aprendendo a se valorizar como mulher e a curar a profunda ferida do feminino.” (MURDOCK, 2022. p. 23). Sendo assim, é possível dizer que a jornada da heroína tem por objetivo final a cura da divisão entre a mulher e sua natureza feminina, pois com essa cura pode-se alcançar o sucesso esperado, juntamente com a compreensão e o reconhecimento de si mesma. Além de ser uma tentativa de exemplificar, de maneira melhor, a jornada das mulheres em uma cultura predominantemente masculina.

Retornando as mulheres que assumiram a jornada heroica masculina, Murdock afirma em seu texto que essas passaram a integrar grupos predominantemente masculinos, se afastaram de outras mulheres e fizeram tudo para alcançar o sucesso (independente de qual for). Em consequência disso, é possível compreender que as mulheres ao assumirem a jornada do herói passam a serem respeitadas e aceitas como iguais entre os homens. No entanto, Murdock diz que o preconceito e as piadinhas se mantêm, e as mulheres mesmo entre “iguais” não são recompensadas igualmente. Essas mulheres a fim de manterem tal posição precisam se destacar e muitas vezes se desdobrar, ou seja, se tornarem a pessoa que melhor executa o serviço, precisam manter uma postura rígida diante dos outros, entre



outras coisas. Posto isto, fica explícito o quanto a jornada do herói impõe um novo papel para as mulheres e subverte o que elas realmente são.

A partir deste momento, analisarei *Trono de Vidro* sob a luz do esquema criado por Murdock. Antes de prosseguirmos é importante frisar que Maas lançou o primeiro livro da saga *Trono de Vidro*, intitulado com o mesmo nome, porém após o lançamento do segundo livro (*Coroa da Meia-Noite*), a escritora lançou o livro *Lâmina da Assassina* que traz vários contos sobre a história de Celaena antes de ser presa, ou seja, os acontecimentos desse livro se passam anteriormente a história de *Trono de Vidro*, e é com ele que temos o primeiro estágio da jornada de nossa heroína.

Posto isso, vamos à estrutura, ela é composta de 10 estágios, como demonstrado na imagem à seguir:

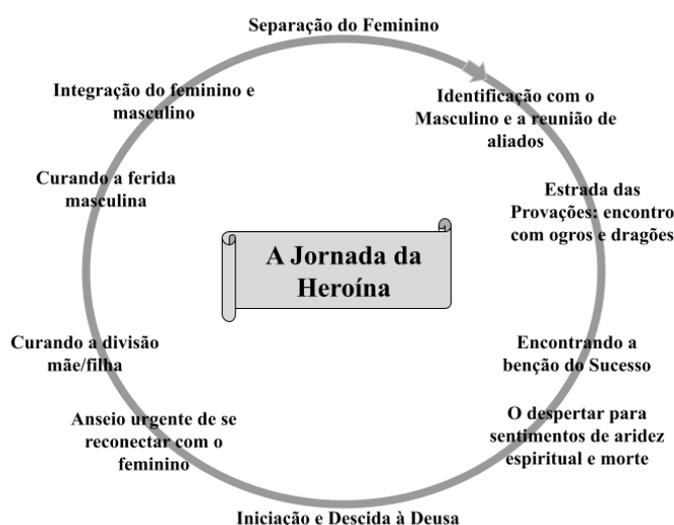


Figura 02⁴

1: *Separação do feminino*: nesse estágio ocorre uma rejeição do feminino interior. Aqui a heroína abraça a visão de feminino imposta pela sociedade patriarcal e, ao mesmo tempo, rejeita a sua natureza feminina. Com isso, é possível notar que há uma diferença entre a visão que a sociedade possui do feminino e o feminino interior. Isso efetua-se porque a visão patriarcal coloca o feminino como algo frágil, manipulador, dependente, inferior etc. Entretanto, a natureza feminina é totalmente diferente disso, pois de acordo

⁴ A figura foi feita seguindo a descrição de Maureen Murdock em *A Jornada da Heroína*, pela autora deste artigo em colaboração com sua amiga Giovana Zanotto.

com a autora, o feminino (e o masculino) são forças criadoras presentes em todas as pessoas. Assim, quando as mulheres abraçam o feminino exterior passam a se identificar com o masculino, e a considerar a natureza feminina como algo sem valor e o rejeitam, tomando para si apenas a visão cruel do feminino.

2: *Identificação com o masculino e a reunião de aliados*: aqui a heroína abarca um novo modo de vida, portanto, abraça o masculino e se identifica com ele. Sendo assim, é nesse estágio que a mulher assume a jornada heroica masculina para si, “querem provar que são inteligentes e competentes, que são emocional e financeiramente independentes” (MURDOCK, 2022. p. 26), para demonstrar que a visão do feminino imposta pela cultura masculina – manipulador, dependente e inferior – é falsa, e que as mulheres podem ser e agir igualmente aos homens. Nesse estágio também temos a *reunião de aliados*, os quais podem “assumir a forma de um pai, um namorado, um professor, um chefe ou um treinador” (MURDOCK, 2022. p. 56). Eles são buscados porque apresentam um caminho bem sucedido, e porque a heroína ao “procurar a aprovação e a aceitação do pai [e dos outros], ela mede a própria competência, inteligência e seu valor próprio” (MURDOCK, 2022. p. 51).

Em *Lâmina da Assassina* tem-se um vislumbre das aventuras de Celaena e de seu treinamento para ser a melhor assassina. Considero que, neste livro, temos esses dois primeiros estágios (*Separação do feminino e Identificação com o masculino*) porque a atividade de assassina é predominantemente masculina e não é esperado que uma mulher exerça essa função. Ao mesmo tempo percebemos que a personagem se esforça muito para a ser a melhor, mas não necessariamente para agradar a si mesma, e sim para que ela seja aprovada por seu mestre, seja respeitada e aceita dentro dessa função pelos homens/assassinos.

Além disso, considero que em *Trono de Vidro*, fica mais evidente a *identificação com o masculino*. Isso porque neste ponto Celaena é uma assassina altamente qualificada, só que agora extremamente revoltada e egoísta. Tudo o que importa para si é conseguir a sua liberdade, e ela não se ressentem nem um pouco quando pensa que essa liberdade será fruto de muito sangue e um vínculo direto com um tirano. Aqui também há a *reunião de aliados*, os quais são: o príncipe Dorian e o capitão da guarda Chaol, pois são eles que irão apoiá-la na competição para se tornar a campeã do rei. Além deles, há a princesa estrangeira Nehemia que se torna uma grande amiga de Celaena.

3: *Estrada de provações: encontro com ogros e dragões*: esse é o momento em que, de fato, a heroína sai para a sua jornada. Os ogros e dragões são metáforas que



Murdock utiliza para demonstrar aqueles que estarão tentando dissuadir a heroína de seguir o caminho que escolheu, e fazem parte de forma externa e interna da jornada. Os ogros e dragões externos são aqueles que “aparecerão no caminho da heroína para testar sua resistência, sua determinação e sua capacidade de estabelecer limites” (MURDOCK, 2022. p. 69) e aqueles que “estarão lá guardando a dádiva, dizendo-lhe que ela não vai conseguir, que ela na verdade nem quer fazer isso, que há muitas outras pessoas mais qualificadas à sua frente” (2022. p. 69). Quanto aos ogros e dragões internos Murdock se refere aos pensamentos autodestrutivos da heroína, sua indecisão, suas dúvidas e seus medos. Assim, a autora acrescenta que “durante o caminho de provas, a mulher transcende os limites de seu condicionamento. É um momento particularmente angustiante, uma aventura repleta de medos, lágrimas e traumas” (2022. p. 83).

Em minha perspectiva a estrada de provações de Celaena ocorre concomitantemente em dois livros: *Trono de Vidro* e *Coroa da Meia-Noite*. Em *Trono de Vidro* Celaena precisa enfrentar os outros competidores, bem como seres sobrenaturais, os quais ela descobre que estão no castelo a fim de matar alguns competidores antes das provas finais. Em *Coroa da Meia-Noite* Celaena precisa lidar com mais seres sobrenaturais e matar os alvos a mando do rei. Outrossim, nesse livro também há a presença dos ogros e dragões internos, e isso se dá porque nossa heroína se descobre traída por várias pessoas. Em primeiro lugar, por sua amiga Nehemia, pois essa orquestrou a própria morte em segredo a fim de despertar alguns sentimentos que Celaena tanto busca reprimir. Em segundo lugar, a traição de Chaol – agora namorado de Celaena – o qual descobriu anteriormente que Nehemia seria morta, mas omitiu a informação para nossa heroína. A partir desse momento Celaena cria sentimentos de tristeza, raiva e repulsa por Chaol, por Nehemia e por si mesma.

4: *Encontrando a benção do sucesso*: aqui a heroína consegue superar os obstáculos do estágio anterior e alcança o sucesso, seja ele profissional ou pessoal, de modo que “ela conquistou o poder, o reconhecimento e o sucesso no mundo exterior” (MURDOCK, 2022. p. 84).

Após a descoberta dos seres sobrenaturais, ao fim de *Trono de Vidro*, Celaena enfrenta e vence um desses seres, mas também vence a competição e se torna a campeã do rei. É importante observar que nem sempre, no processo de criação literária, as jornadas são seguidas passo a passo, observamos por exemplo que, Maas não seguiu por completo a ordem das jornadas heroicas apresentadas, por isso ao seguir o linear da



história esse estágio ocorre anteriormente à *Estrada de provações em Coroa da Meia-Noite*.

5: *O despertar para sentimentos de aridez espiritual e morte*: nesse estágio a heroína percebe que seu sucesso é temporário e ilusório, assim, ela passa a enfrentar novos obstáculos sempre que sente esse desconforto. Essa obsessão para resolver outras barreiras e se sentir realizada é uma maneira de fugir e impedir de sentir a perda do sucesso, e de sentirem que tudo o que fizeram foi insuficiente. Desse modo, Murdock afirma: “no anseio de se livrar das associações negativas com o feminino, nossa heroína acabou por criar um desequilíbrio dentro de si mesma que a deixou arrasada e com cicatrizes” (MURDOCK, 2022. p. 27).

Ao fim de *Coroa da Meia-Noite*, juntamente com Chaol, descobrimos que Celaena na verdade se chama Aelin Ashryver Galathynius, e é a princesa e única herdeira viva do trono de Terrasen. Nesse ponto da história Celaena está devastada com as provações que enfrentou. No entanto, é em *Herdeira do Fogo* que os sentimentos de aridez espiritual realmente se desabrocham, tanto pelo acontecimentos passados, quanto por sua mais nova missão: ir para Wendlyn assassinar o rei e o príncipe Ashryver. Esses sentimentos não se afloram porque ela precisa assassinar seus parentes, mas sim porque vê que o príncipe Ashryver é como sua amiga Nehemia – ambos lutam com afinco por seu povo, a fim de libertá-los das garras do rei de Adarlan – enquanto ela, princesa herdeira, se esconde em uma máscara de assassina há 10 anos, deixando o seu povo abandonado. A partir dessa percepção ela decide não matar os monarcas de Wendlyn, mas decide ir atrás de sua tia Maeve a fim de conseguir algumas informações para derrotar o rei de Adarlan e salvar o povo de sua amiga. Apesar de sua bela motivação, nossa heroína insiste em salvar outro reino e se apresentando como Celaena, a assassina, e não como princesa herdeira de Terrasen.

6: *Iniciação e descida à Deusa*: durante essa parte da jornada a heroína está em crise com a percepção de que seu sucesso e modo de vida são insuficientes e, é neste ponto em que se inicia a descida à Deusa. “A descida se caracteriza como uma jornada ao submundo, uma noite escura da alma, o ventre da baleia, o encontro com a deusa das trevas ou, simplesmente, como uma depressão. Geralmente, é precipitada por uma perda transformadora” (MURDOCK, 2022. p. 110). Com isso Murdock dirá:

Pode haver um período aparentemente interminável de ausência de rumo, tristeza e fúria; de deposição reis; de busca pelas partes perdidas de si mesma e encontrar o feminino sombrio. Essa etapa pode levar semanas, meses ou anos e, para muitas mulheres pode envolver um tempo de isolamento voluntário –



um período de escuridão e silêncio, de aprendizado da arte de ouvir profundamente a si mesma outra vez: de *ser* em vez de *fazer*. (MURDOCK, 2022. p. 28)

Aqui a heroína se sente sozinha e abandonada, pois “a mulher pode se sentir nua e exposta, seca e frágil ou em carne viva e virada pelo avesso” (2022. p. 110). Ademais, Murdock comenta que seu regresso é diferente, pois “as mulheres encontram o caminho de volta a si mesmas não se movendo para a luz, para o alto e para fora como os homens, mas descendo para as profundezas do solo de seu ser” (2022. p. 111).

Temos um vislumbre desse estágio em *Herdeira do Fogo*. Aqui Celaena está totalmente quebrada. Ela percebe que não há salvação para o que ela se tornou. Veja algumas passagens: “As dores eram, de certa forma, apaziguadoras. Não reconfortantes, mas distraíam... Eram bem-vindas. Merecidas” (MAAS, 2022. p. 53); “não conseguia se lembrar de qual era a sensação de ser livre” (MAAS, 2022. p. 86); “Não havia nada que pudesse ser feito para consertá-la.” (MAAS, 2022. p. 264)

A fim de conseguir as informações que tanto procura, ela decide aceitar a proposta de sua tia: treinar seus talentos mágicos com o príncipe féérico Rowan Whitetorn e, quando conseguir pleno controle dos poderes se apresentar a ela. Resumidamente, Celaena treina com o guerreiro (o qual descobrimos que também está quebrado), e trabalha na cozinha da fortaleza dos semifééricos – o local para o qual foi enviada para treinar. O treinamento é longo e duro, pois Celaena não acessava sua magia há 10 anos e porque não se permite senti-la, por medo de se reconectar consigo mesma. Considero que aqui temos a *descida à Deusa* porque a descida é a única forma que nossa heroína possui para conseguir acessar o seu poder.

7: *Anseio urgente de se reconectar com o feminino*: é nesse período em que a heroína percebe que precisa se reconectar com o feminino, assim Murdock dirá que “ela sente o desejo de desenvolver aquelas partes de si mesma que foram para o subterrâneo na busca heroica: seu corpo, suas emoções, seu espírito, sua sabedoria criativa” (MURDOCK, 2022, p. 132). Portanto, é aqui que a heroína começa a traçar o caminho de volta a si mesma, diferente do seu estado inicial.

Em *Herdeira do Fogo* enquanto Celaena treina seus poderes também desenvolve um laço de amizade com Rowan e, ao mesmo tempo o ajuda a desvendar casos de assassinatos que ocorreram nas redondezas. Nesse ponto ela já consegue dominar consideravelmente seus poderes, bem como se sente motivada a treinar mais e desvendar os casos. Em um determinado momento, eles descobrem que os assassinos são os mesmos seres sobrenaturais, chamados de valgs, que ela encontrou no castelo de vidro e que estão



sob o comando do rei de Adarlan, armando um ataque à fortaleza dos semiféericos. É nesse ponto em que irá ocorrer a reconexão com o feminino, pois para salvar os semiféericos Celaena vai direto para a linha de frente combater os valgs, e aqui ela completa a sua descida.

Esses seres sobrenaturais se alimentam de raiva e tristeza, e Celaena possui grande quantidade desses sentimentos, como visto no estágio anterior. Assim, os valgs lançam sobre ela imagens de todos aqueles que ela ama, mas que se decepcionaram ou se sacrificaram por ela, deixando-a submersa em tristeza e terror. Quando a heroína percebe que esses sentimentos estão consumindo-a ela entende que não precisa deles, e que poderia aceitá-los, bem como aceitar o seu feminino interior. Veja como isso ocorre a partir das seguintes passagens:

A escuridão não tinha fim nem início. Era o verdadeiro abismo que assombrava seus passos havia dez anos, e ela desceu em queda livre, recebendo-o. Não havia som, apenas a vaga noção de seguir na direção de um fundo que poderia não existir, ou que poderia significar o verdadeiro fim. (MAAS, 2022, p. 414).

Nessa passagem fica explícita a sensação da catábese.

Um arranhar de sapatos soou, então a mão pequena e macia de alguém deslizou para ela. Com a bochecha contra o musgo, a jovem princesa que Celaena fora – Aelin Galathynius – estendeu a mão para ela.
— Levante. — disse a menina, baixinho.
Aelin Galathynius sorriu com a mão ainda estendida.
— Levante. — falou a princesa.
Celaena estendeu a mão pela terra entre as duas e tocou os dedos de Aelin. Então se ergueu. (MAAS, 2022, p. 432 - 434).

Demonstra-se aqui a reconexão com o feminino, pois ao aceitar a sua própria oferta a heroína aceita seus sentimentos e o feminino interior permitindo que ela traça o caminho de volta a si mesma e, por conseguinte, derrote os demônios.

8: *Curando a divisão mãe e filha*: nesta etapa há o início da cura da divisão mãe e filha, “essa ferida que ocorreu com a rejeição inicial do feminino” (MURDOCK, 2022, p. 29). Essa rejeição é definida por Murdock de dois modos o (i) individual e o (ii) coletivo, como demonstrado a seguir: (i) “se a psique da mulher “assimilou” a mãe de forma negativa ou destrutiva, ela se separa de sua natureza feminina positiva e tem muito trabalho a fazer para recuperá-la” (2022, p. 156); (ii) “a natureza da ruptura mãe/filha também é determinada pela forma como uma mulher integra a Mãe arquetípica em sua psique, o que inclui a Mãe Terra e a visão cultural do feminino” (2022, p. 156).

A cura dessa rejeição é necessária para que a heroína possa recuperar todo o seu poder feminino, e com isso recuperar alguns de seus valores, suas habilidades, seus sentimentos, sua intuição etc., de acordo com uma nova perspectiva.



Em meu ponto de vista, a cura da divisão mãe e filha ocorre concomitantemente em dois livros: *Herdeira do Fogo* e em *Rainha das Sombras*. Ao fim de *Herdeira do Fogo*, Celaena – agora Aelin – encara sua tia Maeve para pegar as informações de que precisa. Também traça um plano para conseguir derrotar o rei de Adarlan, não mais com a ideia de fazer isso enquanto Celaena, mas como Aelin, princesa de Terrasen.

Em *Rainha das Sombras* a heroína utiliza a máscara de Celaena para seus inimigos, enquanto para seus aliados se apresenta como Aelin. Além disso, a personagem internamente está aos poucos *curando a divisão mãe e filha* porque deixa de assimilar apenas o que era masculino de si, e passa a ter novos valores e perspectivas do feminino.

O feminino nessa jornada se apresenta para mim com o papel social de princesa. Anteriormente à sua reconexão com o feminino nossa heroína apresentou esse papel como algo pejorativo, pois para ela ser princesa era o pior dos pesadelos, tanto pelos acontecimentos demonstrados em *Herdeira do Fogo*, quanto pela ideia de que uma princesa precisaria ter um comportamento diferente do dela. Visto que geralmente uma princesa é aquela de quem se espera um comportamento recatado, submisso, assim, seria impossível considerar que uma princesa poderia ser uma guerreira e, muito menos uma assassina.

9: *Curando a ferida masculina*: de acordo com Murdock, a cura da ferida masculina é necessária para que a heroína consiga integrar o feminino e o masculino posteriormente. Conforme vimos na introdução, autora descreve o masculino do seguinte modo:

O masculino é uma força arquetípica; não um gênero. Assim como o feminino, trata-se de uma força criativa que vive dentro de todas as mulheres e de todos os homens. Quando desequilibrada e *sem vínculo com a vida*, essa força se torna combativa, crítica e destrutiva. (MURDOCK, 2022. p. 176).

Desse modo, ele precisa ser curado e, essa cura é feita por meio do feminino – agora aceito. É o feminino que irá cuidar carinhosamente desse masculino ferido, que o colocará conscientemente em questão, a fim de buscar um equilíbrio.

Em *Império de Tempestades* nossa heroína já aceitou o seu feminino interior e se apresenta como princesa de Terrasen, mas ao retornar para o seu reino é rejeitada por causa de seu passado. Para os membros que restaram da corte de Terrasen, o comportamento de Aelin enquanto Celaena é inaceitável e, para eles uma assassina nunca poderia assumir o trono. Isso é reforçado quando ressaltam que enquanto ela estava viva e que vivia com os luxos que seu “trabalho” lhe resultava, seu povo estava abandonado, sofrendo e morrendo nas mãos do rei de Adarlan. Tal coisa faz que Aelin se revolte e fique com raiva de seu eu antigo. Para se afastar e reverter esse sentimento ela decide sair



pelo mundo cobrando suas dívidas, a fim de buscar aliados e formar um exército que a apoie e, a auxilie a salvar seu povo e recuperar seu trono. Posto isso, para mim a cura da ferida masculina vem justamente com essa sobreposição do egoísmo pelo altruísmo. Quando a nossa heroína coloca o interesse dos outros acima dos seus ela consegue controlar o masculino e permitir a integração das duas forças arquetípicas.

10: *Integração do feminino e masculino*: o último estágio da jornada da heroína se constitui com a integração do feminino e masculino, pois “através do casamento sagrado, o *hieros gamos*, a unidade de todos os opostos, a mulher se recorda de sua verdadeira natureza” (MURDOCK, 2022. p. 180). A integração dos opostos faz com que a heroína concilie o seu poder feminino com as habilidades que adquiriu em sua jornada heroica masculina, ou seja, possibilita a união dos dois aspectos de sua natureza. Sendo assim, é com a integração do que há de melhor nos dois que a heroína alcança o seu equilíbrio, de modo que ela possa valorizar e aceitar as suas necessidades e vontades, mas também a dos outros. Acerca disso, Murdock afirma:

Essa é realmente a tarefa da heroína contemporânea. Ela cura enquanto respira, enquanto reconhece sua verdadeira natureza, exalando conhecimento para nosso interior. A heroína se torna a Senhora dos Dois Mundos: ela é capaz de navegar pelas águas da vida cotidiana e também de ouvir os ensinamentos das profundezas. É a Senhora do Céu e da Terra e do Mundo Inferior. Ela ganhou sabedoria com suas experiências, portanto não precisa mais culpar o outro: ela é o outro. Ela traz essa sabedoria de volta para compartilhá-la com o mundo. E as mulheres, os homens e as crianças do mundo são transformados por sua jornada (MURDOCK, 2022. p. 188).

Em relação a história de Celaena, considero que a integração do feminino e masculino ocorre no livro *Reino de Cinzas*. Esse último estágio se apresenta quando Aelin consegue transpor a dualidade princesa x assassina e as unir, como dois lados da mesma moeda. Quando ela os une, ela está completa e pronta para derrotar seus inimigos e se tornar a rainha de Terrasen. Assim, quase ao fim de *Reino das Cinzas*, quando Aelin surge empunhando sua espada de fogo e montada no Senhor do Norte, não temos mais a assassina Celaena ou a princesa Aelin, temos a rainha Aelin, temos uma deusa feita de carne, ossos e fogo. Agora trago aqui uma passagem que representa esse momento:

Maeve estendeu a mão diante da jovem rainha, a escuridão girando na palma em concha.
— Não restam deuses para vigiar, creio. E não restam deuses para ajudá-la, Aelin Galathynius.
Aelin sorriu, e Goldryn queimou mais forte.
— Eu sou uma deusa. — Ela avançou contra eles. (MAAS, 2022. p. 834).

Dualidade princesa x assassina



A fim de promover melhor compreensão acerca da dualidade princesa x assassina se faz necessário alguns esclarecimentos. Quando Murdock afirma que o feminino e o masculino são forças arquetípicas presentes em todos os seres humanos, ela não determina exatamente como elas se apresentam/manifestam. Pensando nisso e, no conceito de “filha do pai”, onde a própria autora propõe que uma mulher que se identifica com o masculino, se espelha e busca a aprovação dos homens que a cercam tem por resultado um desenvolvimento positivo do ego (MURDOCK, 2022. p. 51), de maneira, que é possível pensar que ela irá seguir os passos desse pai/mentor. Por conseguinte, acabará tomando para si a forma de pensar e agir (e não só isso) desse homem, por exemplo: uma garota que decide seguir profissionalmente os passos de seu pai, o qual é administrador, irá buscar atuar em um ramo dessa mesma área. Assim, seguindo o raciocínio da autora, essa mulher rompe com si mesma, porque deixa de ouvir seu eu interior para ouvir e desempenhar o que foi dito por seu pai e/ou qualquer homem em que ela se espelhe.

Desse modo, entendo que as forças arquetípicas feminina e masculina vão se manifestar com a incorporação de um papel social, os quais serão determinados pelos espelhamentos daquela mulher. Por isso, conforme Murdock, a “filha do pai” ao se identificar com o masculino assume como papel social a mesma profissão de seu pai. Do mesmo modo, a força arquetípica feminina poderia se apresentar no mesmo papel social que a mãe dessa mulher possui. Entretanto, lembremos que a causa da separação do feminino é a visão distorcida que a sociedade impôs sobre o feminino, bem como dos papéis sociais das mães.

Isso posto, como essa questão se aplica à *Trono de Vidro*, e a dualidade princesa x assassina? Para isso, pensemos o seguinte: a nossa heroína foi criada dos 10 aos 18 anos por Arobynn Hamel, o qual era o líder da guilda dos assassinos e seu tutor. Assim, Celaena se espelhou nele, e ao se identificar com o masculino se tornou assassina. Nesse sentido, a força arquetípica masculina, ainda em desequilíbrio, se apresenta com o papel social de assassina. Já a força arquetípica feminina se apresenta com o papel social de princesa, o qual, nesse caso, não seria exatamente um espelhamento, mas aquilo para o qual a nossa heroína nasceu para ser. Assim, a dualidade fica evidente mesmo após o seu amadurecimento e liberdade alcançada, pois a protagonista insiste em não aceitar o seu feminino interior, como visto em *Herdeira do Fogo* e no estágio 5. Ademais, nota-se que a integração do feminino e masculino também traz um papel social, mas esse, por ser um resultado de tudo o que a heroína viveu, pode ser considerado um papel escolhido sem espelhamentos e com clareza por seu eu interior. No caso de Celaena, esse papel social



escolhido seria a posição de rainha de Terrasen, a qual ela compreende ser a sua função no mundo, aquilo para o qual a sua jornada lhe impulsionou.

Conclusão

Considerando todos os pontos apresentados no decorrer do texto e o objetivo acima exposto, pode-se concluir que a jornada da heroína de Murdock, apesar de ter sido elaborada visando pessoas, também é compatível com personagens fictícias, ou seja, pode ser utilizada para a construção de narrativas de protagonismo feminino, e isso se comprova com a história de *Trono de Vidro*. Destarte, isso demonstra a importância que essa literatura fantástica pode ter, pois a jornada de Celaena possui todos os elementos da jornada da heroína que muitas mulheres e garotas enfrentarão em suas próprias jornadas, de modo que ela pode se tornar um referencial para elas ao buscarem entender a sua realidade.

Ademais, concluo que a obra *Trono de Vidro* se enquadra em ambos os modelos de jornada heroica. Em relação a jornada de Campbell, *Trono de Vidro* se adequa aos aspectos do monomito quando analisamos do ponto de vista estrutural. Ao mesmo tempo, se adequa com o modelo de Murdock como um todo, ou seja, do ponto de vista da história, da estrutura e do crescimento da protagonista. Também é notável a linearidade dos elementos presentes nos estágios de catábase da heroína com o livro *Herdeira do Fogo*, pois Maas conseguiu mesclar sua arte com esses elementos de forma muito clara, e os introduziu nesse livro. Além disso, o texto demonstra que a dualidade das forças arquetípicas feminino e masculino é congruente com a dualidade princesa e assassina, quando se manifestam por meio de papéis sociais.

Referências bibliográficas:

CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. Trad. de Adail Ubirajara Sobral. 10ª edição - São Paulo: Editora Cultrix/Pensamento, 1997.

MAAS, Sarah J. *Trono de Vidro*. Trad. de Mariana Kohnert. 15ª Ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2018.

MAAS, Sarah J. *Coroa da Meia-Noite*. Trad. de Mariana Kohnert. 30ª ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2022. (Trono de Vidro 2).

MAAS, Sarah J. *Herdeira do Fogo*. Trad. de Mariana Kohnert. 25ª ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2022. (Trono de Vidro 3).



- MAAS, Sarah J. *Rainha das Sombras*. Trad. de Mariana Kohnert. 22ª ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2016. (Trono de Vidro 4).
- MAAS, Sarah J. *Império de Tempestades*. Trad. de Mariana Kohnert. 16ª ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2019. (Trono de Vidro 5).
- MAAS, Sarah J. *Reino de Cinzas*. Trad. de Mariana Kohnert. 17ª ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2022. (Trono de Vidro 6).
- MURDOCK, Maureen. *A Jornada da Heroína*. Trad. de Sandra Trabucco Valenzuela. 1ª Edição - Rio de Janeiro: Sextante, 2022.
- RICÓN, Luiz Eduardo. A jornada do herói mitológico. *II Simpósio RPG e Educação*. São Paulo: Uninove, 22/09/2006 - 24/09/2006.